

CEDI - P. I. B.
DATA 04/05/1994
CDD K427.001.1

**ESTEVÃO PINTO, UM DOS PIONEIROS
DA ANTROPOLOGIA NO BRASIL**

José Maria Tenório Rocha

Coleção Documentos

Série Literatura

- Nº 001 – Beatriz Alcântara Academia Brasflica dos Esquecidos
Nº 002 – Francisco José Alves FOLCLORE E SOCIEDADE: análise de um conto popular

Série Política

- Nº 001 – Walter Costa Porto O Sistema Proporcional Nas Eleições Brasileiras: Um Balanço
Nº 002 – Lúcio Gonçalo de Alcântara O PDT e o Nordeste – Uma contribuição à discussão

Série Sociologia

- Nº 001 – Aspásia Camargo Novo Brasil, Novo Nordeste: Idéias para um debate
Nº 002 – Fanny Tabak A Lei Como Instrumento de Mudança Social

**ESTEVÃO PINTO, UM DOS PIONEIROS
DA ANTROPOLOGIA NO BRASIL**

Ficha catalográfica

Rocha, José Maria Tenório

Estevão Pinto, um dos pioneiros da antropologia no Brasil. — Fortaleza : Fundação Waldemar Alcântara, 1994.

11f. — (Coleção Documentos. Série Antropologia ; n.1)

1. Índio – Brasil – Nordeste 2. Cultura indígena –
Brasil – Nordeste 3. Índio fulniô 4. Pinto, Estevão,
1895–1968 I. Título II. Série

**ESTEVÃO PINTO, UM DOS PIONEIROS
DA ANTROPOLOGIA NO BRASIL**

José Maria Tenório Rocha

- Professor Adjunto da Universidade Federal
de Alagoas - Departamento do CCHLA -

FUNDAÇÃO WALDEMAR ALCÂNTARA
Fortaleza
Março de 1994

A Coleção Documentos publicada pela Fundação Waldemar Alcântara, objetiva divulgar textos que proporcionem uma reflexão sobre temas políticos, sociais, culturais, etc. A circulação é limitada, sendo proibida a reprodução da íntegra ou parte do texto sem o prévio consentimento do autor e da Fundação.

COMITÊ DE COORDENAÇÃO

Afonso Celso Machado Neto

Guaraciara Barros Leal

Lúcio Gonçalo de Alcântara

Luiza Alcântara

Maria Creuza Magalhães

Capa: Ricardo Josino

Digitação: Oberdan Rodrigues
Lucyana Barros Leal

Editoração: Marcos A. A. Moreira

Revisão: Afonso Celso Machado Neto

Montagem: Carlos Henrique Mota Sousa

Desejando receber este caderno da Coleção Documentos, escreva ou telefone para:

FUNDAÇÃO WALDEMAR ALCÂNTARA
Rua Júlia Vasconcelos, 100 - Pio XII
60.120-320 - Fortaleza CE.

Fone: (085)227-4577

FAX: (085)273-2433

INTRODUZINDO A TEMÁTICA

A presente comunicação é uma espécie de resumo de trabalho de maior amplitude, de título "O silêncio conivente. Estevão Pinto, etnólogo: trajetória intelectual e opções teóricas". 2 v., 323 p. MIM (ROCHA, 1992), dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, tendo por orientador o Prof. Dr. Roberto Mauro Cortez Motta.

As razões da pesquisa são diversas, dentre elas, a do autor ter nascido e vivido em uma comunidade do interior do Estado de Alagoas, de nome Quebrangulo, onde se falava muito bem do caboclo índio, visto através das histórias de trancoso e dos folhetos de cordel e, onde se desprezava o índio de verdade, habitante na vizinha cidade de Palmeira dos Índios; ser descendente de índio pelo lado paterno; verificar desde cedo, a quase inexistência de bibliografia sobre os índios do Estado; ter descoberto na época do curso colegial a figura de um alagoano que se dedicou aos estudos sobre os índios no Nordeste e ser desconhecido em sua terra: ESTEVÃO PINTO.

No momento das pesquisas, desde os seus inícios, introjetamos a idéia de que se o estudo fosse realmente bem fundamentado, poderia ser uma das respostas aos alagoanos, tentando livrá-los da condição preconceituosa de aceitar como norma cultural um silêncio conivente perante aqueles que partem, conseguem se destacar, ter vitória em seus campos de trabalho. Sobre este mote, tratamos no estudo "Alagoas, a cultura que surgiu das águas"(ROCHA, 1991:147-158).

Outrossim, pretendíamos de alguma forma contribuir para o conhecimento da História da Antropologia no Brasil, de certa forma ligando o trabalho aos projetos desenvolvidos por Marisa Correa, Marisa Peirano, Roberto Cardoso de Oliveira, Florestan Fernandes e, em Pernambuco, Celina Ribeiro e Luiz Lacerda.

IDENTIFICANDO O PERSONAGEM

Tentando a sistematização e periodização da Antropologia no Brasil, CARDOSO DE OLIVEIRA (1986:227-246) divide a história dessa ciência em três períodos: o Heróico, o Carismático e o Burocrático.

O período Heróico, em sua abordagem, corresponde às décadas de 20 a 30, quando "o trabalho de pesquisa tinha o sabor de uma atividade verdadeiramente heróica". Dentre os "heróis civilizadores" aponta :Curt Nimuendaju, Gilberto Freyre, Herbert Baldus, Roquete Pinto, Arthur Ramos, Heloisa Alberto Torres, Carlos Estevão de Oliveira e Estevão Pinto.

Florestan Fernandes, por sua vez, equipara a obra de Estevão Pinto à pesquisa de Couto de Magalhães, Nina Rodrigues e Arthur Ramos. (FERNANDES, 1975:123).

Já situado entre os pioneiros da antropologia no Brasil, necessitamos agora traçar, mesmo de forma diminuta, uma possível trajetória de sua vida intelectual, e o fazemos começando a mostrar a cidade que o serviu de berço.

Maceió, nos finais do século XIX, era, segundo o sociólogo alagoano Manuel Diégues Júnior, província muito acanhada, onde o espírito da antiga vila pairava em cada esquina.

"Ruas cheirando a peixe frito, a tapióca, a arroz-dôce, vendidos nas esquinas em tabuleiros enfeitados com papel de seda cortado em desenhos ou figurinhas de variadas cores. (...)

Ruas cheias de negras trajando vistosos chales e turbantes de cores fortes na cabeça". (DIÉGUES JÚNIOR, 1981).

A população da cidade em 1890 era de 31.498 habitantes, a partir desse ano, o progresso começa a surgir e a cidade a mudar de feição, tomando ares de desenvolvimento modernizante.

Num clima de verdadeira efervescência, na Rua do Açougue, depois chamada de Primeiro de Março, atual Moreira Lima, centro comercial de Maceió, em 17 de fevereiro de 1895, no lar dos Ferreira Pinto, nascia Estevão. De família abastada, Estevão era o primogênito e contou com mais cinco irmãos.

TRAJETÓRIA POSSÍVEL

- 1905 - Estuda no Colégio Diocesano, de Maceió.
- 1912 - Integra-se ao Curso Preparatório à Faculdade de Direito.
- 1913 - Publica "Mosaicos (versos)", livro de estréia, que depois abominaria. É aprovado no "Exame de Admissão" à Faculdade de Direito do Recife.
- 1917 - Torna-se advogado. Casa-se com Maria Cândida de Oliveira Braga e tem como filhos: Júlio, Jarina e Heloísa.
- 1920 - Publica seu primeiro estudo de cunho historiográfico, de título "Figuras do Passado", Jornal do Comércio, Recife, 12 de setembro.
- 1922 - Publica "Pernambuco no século XIX", obra de caráter histórico-social.
- 1925 - Torna-se Catedrático de História Geral da Escola Normal, do Recife.
- 1933 - Edita "O problema da Educação dos Bem Dotados".
- 1935 - Lança "Indígenas do Nordeste", Vol. I, pela Coleção Brasileira.
- 1938 - Sai publicado "Indígenas do Nordeste", Vol. II, também pela Brasileira.
- 1940 - Sai do prelo a obra "A Associação Comercial de Pernambuco", no Recife.
- 1944 - Anota, traduz e publica pela Coleção Brasileira "Singularidades da França Antártica", de André Thevet.
- 1949 - A Coleção Documentos Brasileiros dá publicidade a "História de uma Estrada de Ferro do Nordeste".
- 1950 - Cria a Faculdade de Filosofia de Pernambuco, com a aquiescência do governador do Estado, Barbosa Lima Sobrinho. Traduz, anota e edita pela Coleção Brasileira "A Religião dos Tupinambás", de Alfred Métraux.
- 1952 - Pronuncia palestra na École Pratique des Hautes Etudes, Sorbonne, Paris; seu nome foi indicado por Roger Bastide e o convite partiu de Lucien Febvre.
- 1956 - Dá publicidade, pela Coleção Brasileira, da obra "Etнологia Brasileira – Fulniô, os últimos tapuias".
- 1958 - Edita "Muxarabis & Balcões e outros ensaios", também pela Brasileira.
- 1961 - Instala o Instituto de Antropologia na Faculdade de Filosofia de Pernambuco.
- 1968 - Dia 11 de outubro, falece em Recife, tendo a sua obra recebido críticas e comentários elogiosos de estudiosos de várias partes do mundo, especialmente antropólogos do Brasil, Estados Unidos da América do Norte e da Europa.

Os antropólogos situados temporalmente entre a última década do século XIX, até a década de trinta são classificados, segundo alguns estudiosos como: Polígrafos, sem se aprofundar em um só ramo do conhecimento (Almir de Andrade); ensaístas ou pesquisadores versáteis (Oracy Nogueira); sem formação acadêmica para enfrentar a tarefa, por isso lidando indistintamente com etnologia, arqueologia, lingüística e antropologia física (Júlio César Melatti); intelectuais sumamente preocupados com o estabelecimento de uma antropologia brasileira (Marisa Correa). O nosso autor, se enquadra em todas as características apontadas!

Os estudiosos que trataram da evolução da antropologia no Brasil, são acordes em assinalar o ano de 1930 como marco de ruptura, dada as transformações advindas com a Revolução de Trinta, uma delas: o início das Ciências Sociais no Brasil.

Nessa década, deixando um pouco de lado os estudos de teoria da Educação e os de História, Estevão Pinto se integra aos estudos antropológicos; sua obra etnológica pode ser sistematizada nessa ordem:

PERÍODOS	CARACTERIZAÇÃO	OBRAS MARCANTES
Década de 30	O início	- Indígenas do Nordeste, 1935-1938. - As máscaras-de-dança dos Pancararus, 1938.
Década de 40	Continuidade e busca de afirmação	- Muxarabis e Balcões, 1943. - Obras diversas publicadas em revistas especializadas.
Décadas de 50 e 60	A consolidação	- Etnologia Brasileira-Fulniô, os últimos tapuias, 1956. - Muxarabis & Balcões e outros ensaios, 1958. - Introdução à História da Antropologia, 1964 a 1967.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A pesquisa foi montada com uma introdução, três capítulos, a conclusão, bibliografia geral e anexos.

O capítulo I - O Homem, apresenta-se com uma trajetória intelectual, enquadrando fatos biográficos a acontecimentos relevantes da cultura e da sociedade recifense e nordestina. Demos ênfase às questões de criação da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, quer pela falta de dados publicados sobre a mesma, quer pela polêmica que gerou. Finalizamos tentando esclarecer alguns rumores mal-dizentes em torno do autor, em sua maioria fruto de má interpretação.

No capítulo II - A obra, tentamos fazer uma análise crítica dos estudos, verificando o caráter das pesquisas iniciais, meramente bibliográficas e numa segunda fase, pesquisas de campo, complementadas com os necessários dados bibliográficos. Também foram observados o caráter de elaboração das obras didáticas de caráter histórico. Ressaltou-se, ainda, o pioneirismo de Estevão Pinto em relação aos estudos sobre o negro em Pernambuco.

Em "A Obra Etnológica", parte essencial da dissertação, é onde se analisa com vagar, sua contribuição como Etnólogo, através do estudo acurado de suas principais obras.

No capítulo III - A Bibliografia, relacionou-se por ordem temática toda a sua obra, fazendo-se pequenos comentários analíticos nos estudos mais destacados. Sua obra atinge os campos da Etnologia, História, Educação, Literatura e Teatro e Traduções.

A OBRA ETNOLÓGICA

Nesta parte, procuraremos analisar algumas das principais obras de caráter etnológico de Estevão Pinto.

INDÍGENAS DO NORDESTE (Introdução ao estudo da vida social dos indígenas do Nordeste Brasileiro) Tomo I, 1935.

Como assinalou BALDUS (1965:7), trata-se de obra que não se atém apenas ao que explicita o título, é antes, uma visão abrangente da problemática no Brasil, estando a questão nordestina em segundo plano; a explicação para essa tomada de posição por parte do autor é devido na época não existir dados suficientes para pesquisas exaustivas.

Indígenas do Nordeste (Tomo I) é obra que não possui introdução, prefácio ou agradecimentos, apresenta-se apenas como a obra em si, despida de complementos tão necessários para que tivéssemos possibilidade de entender a sua construção.

Do ponto de vista metodológico, é obra puramente bibliográfica, por isso MAUÊS (1976?) severamente a classifica apenas como obra de divulgação, não estudo crítico.

É pesquisa onde se vê de um lado, o registro dos cronistas, e de outro lado, conceitos de alguns autores brasileiros como: Roquete Pinto, Gilberto Freyre e OliveiraViana; apoia-se ainda nas teorias de Alfred Métraux, Paul Erenheich, Lévi-Bruhl e Sigmund Freud.

Para Estevão, a etnografia brasileira ainda não ultrapassara a fase analítica, explicando que o fato advinha da falta de pesquisas de campo que permitissem descobertas arqueológicas, e também a ausência de teorias coerentes, que dessem explicações a fatos relevantes.

Entende o autor que os indígenas brasileiros possuem estágio cultural todo próprio, independente de ligações com povos de cultura avançada, indo de encontro ao pensamento de Martius, para quem "os indígenas brasileiros são restos degenerados de uma raça de estágio cultural avançado".

Com Roquete Pinto, pretende integrar a arqueologia à etnografia, fato que na época não era bem aceito pelos estudiosos. Com Alfredo de Carvalho, afirma que à execeção dos Astecas, os povos primitivos da America do Sul não possuíam sinais próprios para transmitir as suas idéias.

Começa a aceitar as teorias de Lévy-Bruhl à respeito das funções pré-lógicas das sociedades inferiores, que atribuem a todos ou a quase todos os objetos poderes místicos ou mágicos.

Apoiando-se em Freud, tenta interpretar os desenhos rupestres como símbolos sexuais.

BALDUS e MAUÊS criticam o uso quase irrestrito dos dados de Lévy-Bruhl, especialmente os que se referem a mentalidade pré-lógica dos povos indígenas. Já no volume II de Os Indígenas do Nordeste, Estevão começa a desconfiar da validade das teorias de Lévy-Bruhl, criticadas entre outros por Boas. Constata a pertinência das teorias de Freud, para as explicações da mentalidade indígena; à p.189, nota 1 do II volume dos Indígenas do Nordeste, informa: "a tendência filosófica moder-

na propende a mostrar que não existe diferença irreduzível entre o selvagem e o homem civilizado" (PINTO, 1938:189), no entanto, ainda em 1967, na sua obra "Introdução à História da Antropologia" (PINTO, 1967), quando demonstra os enganos de Lévy-Bruhl, insiste: "Lévy-Bruhl e Durkheim mantêm-se indispensáveis ao estudo da psicologia étnica".

A respeito da origem do homem americano, aceita as teorias do pan-mongoloidismo de Alex Hrdlicka, desconhecendo, nessa obra, as idéias de Paul Rivet.

Sobre a classificação dos grupos indígenas, critica as classificações propostas e entende, junto a Roquete Pinto, que as classificações lingüístico-culturais não são satisfatórias e devem ser vistas com reservas. Para si, o critério sociológico deve sobrepor-se ao lingüístico.

Florestan Fernandes critica uma afirmação de Freyre, encampada por Estevão, referindo-se a que "o açúcar matou o índio". Entende Fernandes que esses autores usaram insuficientemente os recursos de análise etnológica para explicar o processo. Não foi o açúcar que matou o índio, mas o processo da destribalização no decorrer dos séculos XVI e XVII, condicionado pela expropriação territorial das populações indígenas e pelos processos decorrentes, que expulsaram os indígenas, que não conseguiram se retrair além das fronteiras móveis do sertão.

Esposando o pensamento de Freyre, exalado em "Casa Grande & Senzala", critica a forma dialética de educação dos jesuítas, principalmente quando esses padres procuravam através dos filhos, levar a nova orientação aos pais; destarte, os curumins tornavam-se inimigos dos pais, dos pajés, dos maracás sagrados, das sociedades secretas.

OS INDÍGENAS DO NORDESTE. Organização e estrutura social dos indígenas do Nordeste brasileiro. Tomo II, 1938.

Como o volume anterior, do qual é continuação, é obra de pesquisa bibliográfica, elaborada sem o necessário auxílio das pesquisas de campo. Também não possui elementos identificadores já apontados, como introdução, nota explicativa, que demonstre o processo de elaboração ou mesmo de que forma o autor conseguiu publicação pela prestigiosa Coleção Brasileira.

O autor aceita os paradigmas básicos de Pitt-Rivers, sobre a degradação social de certos grupos indígenas, ao afirmar que os Pancararus são restos bastante degenerados, numa orientação nitidamente difusionista. O interessante é que, mesmo na década de cinquenta, em sua obra "Etnologia Brasileira - Fulniô, os últimos tapuias" (PINTO, 1956), não revê ou ainda acredita na validade desse conceito.

Critica as classificações lingüísticas e antropológicas para aceitar, mesmo com restrições, os parâmetros da Escola Histórico Cultural (Grabner, Foy, Schmidt, Koppers e Rivers); critica igualmente os estudos sobre áreas culturais (Wissler) e círculos culturais (Schmidt). Prefere estudar os grupos indígenas sob a ótica da aculturação, a lidar com classificações.

Vai de encontro a expressão cultura ou civilização material por excluir as formas sociais e ideológicas de pensamento; propõe o termo Vida Econômica, mesmo que essa expressão mereça reparos, mas sobretudo, fazendo sem excluir as funções mentais, nem as formas ideológicas e sociais.

Evocando Oswald Spengler, critica a expressão homem primitivo, afirmando que nenhum povo vive em estado propriamente primitivo.

Os capítulos IV e V - as crenças religiosas - são as mais abrangentes, mais polêmicas, mais importantes.

O marco teórico utilizado são as obras de Alfred Métraux, e para determinadas interpretações, a obra de Lévy-Bruhl, aliada a noções de psicanálise de Freud, principalmente nas interpretações dos mitos tupis.

Utiliza a obra "Les Fonctions Mentales", de Lévy-Bruhl, mesmo entendendo e afirmando que a filosofia moderna demonstra que não existem diferenças irreduzíveis entre o homem selvagem e o civilizado. Para si, a psicologia profunda (psicanálise) não contraria as teorias de Lévy-Bruhl, mas estuda as questões sob aspectos mais amplos.

Embora interprete psicologicamente os mitos, Estevão enfatiza: "os exageros da psicanálise vem sendo hoje em dia vantajosamente combatidos"(PINTO, 1938:201).

Apesar da obra ter por sub-título "Organização social dos indígenas do nordeste brasileiro", à organização social e estrutura social, dedica apenas vinte e seis páginas no final do estudo (cap.VI).

Os três primeiros capítulos, quase metade da obra, são dedicados a "Vida Econômica" (civilização material), onde dá prioridade a ergologia e a tecnologia.

O estudioso da cultura indígena brasileira deve ter sempre em mente que, ao estudar uma obra datada de vários anos passados, deve analisá-la levando em conta a época de elaboração e as dificuldades em sua realização, e não olhar com os olhos da atualidade.

ETNOLOGIA BRASILEIRA - FULNIÔ, OS ÚLTIMOS TAPUIAS, 1956.

Fulniô é verdadeiramente a obra-prima do autor, é pesquisa onde se vê passo-a-passo, dados de coleta em campo, feita com rigorismo, em diversas viagens realizadas no município da Águas Belas (PE), aldeia dos fulniô.

Diferentemente das duas primeiras, possui nota preliminar, "prefácio", onde se registram dados ausentes em "Os Indígenas do Nordeste".

Nessa pesquisa, o autor retira o grupo Pancararu da classificação Carirí, para situar entre os Gê ou Tapuia, aliás esse "approach" já havia sido feito em PINTO (1938A), na obra "Alguns aspectos da cultura artística dos Pancarus" (sic); na 4ª ed. desse trabalho, já com o título "As máscaras-de-dança dos Pancararus" (PINTO, 1953A), a citação aparece às pp.6-7.

Critica a inclusão dos fulniô (carnijó) no grupo carirí, que o próprio autor aceitou como correto (PINTO, 1935:138-151). Faz críticas a Arthur Ramos por usar o termo iatê, empregando-o para designação e grupo étnico, quando a denominação é apenas lingüística.

Seguindo propostas de Pompeu Sobrinho e Goeje, afirma: "estou inclinado a ver nos fulniô, um ramo do phylum macro-gê (da classificação de Alden Mason), se bem que profundamente influenciado pelos seus vizinhos ameríndios; o estudo da língua iatê, vem fortalecer essa hipótese" (PINTO, 1956:253-254).

Ainda segundo Estevão, o estudo comparativo entre a cultura fulniô e carirí, afasta completamente a hipótese de qualquer parentesco entre as duas famílias.

Com base principalmente em Nimuendaju, Goeje, considera o iatê dialeto autônomo e isolado.

Vai de encontro ao termo "raça pura", empregado para os fulniô, e por extensão aos índios do Brasil, pois já estava provado que o homem do paleolítico já se encontrava miscigenado.

Estuda a organização social e parentesco da tribo fulniô, realizando pesquisas semelhantes às modernas da temática.

Propõe que a divisão da organização tribal em grupos a que Max Boudim denomina clãs, seja mudado para SIPE, termo empregado por pesquisadores alemães, corresponde ao que os americanos denominam SIB; embora os grupos fulniô não contenham todos os elementos característicos da sipe, dele se aproxima por alguns elementos: matrimônio preferente, falta de soberania política, ligação dos grupos a certas espécies de plantas e animais. O sipe se aproxima dos Kiyé, dos Apinayé, segundo o autor.

Cada um dos cinco sipes a que está dividido o grupo fulniô, possuem animais e plantas tabus, essa dependência entre a sipe e a fauna e flora, explica-se antes pela conveniência de qualificação tribal e necessidade de assegurar a coesão dos grupos.

Nessa obra, o autor fornece a mais completa descrição do culto do Ouricurí, proibido para os brancos, superando os poucos informes publicados. Relaciona o ritual aos ritos e símbolos de renovação, a hierofania vegetal de que fala Mircea Eliade.

Fulniô é a obra importante de Estevão, importante pela renovação da metodologia, pelo avanço teórico alcançado, pelas referências a autores dos mais atualizados e, pelo desapego às idéias de Lévi-Bruhl.

MUXARABIS & BALCÕES E OUTROS ENSAIOS, 1958.

Trata-se de obra leve, dedicada ao grande público, ou aos não iniciados em Antropologia. É uma reunião de textos já publicados em épocas e locais variados e não revistos ou repensados. Seguem-se breves comentários de cada um dos artigos que compõem a obra.

- Muxarabis & Balcões - Estuda o complexo cultural dos muxarabis ligando-os a costumes sociais dos mouros; filia essa expressão aos belesteiros, fortificações salientes no alto das torres medievais.

- Dados históricos e etnológicos sobre os Pancararus de Tacaratu. Aproveita texto publicado em 1938, sem fazer atualização, não revendo, inclusive, a teoria de Pitt-Rivers sobre a degenerescência social. Nessa conformidade, inclui ainda os povos Pancararu entre os carirí, afirmando que a afirmação está sujeita a revisão, que não fez!

- Sincretismo religioso afro-brasileiro - analisa obra de igual título, de autoria de Waldemar Valente, e aproveita a oportunidade para fazer pequeno estudo sobre assimilação e aculturação.

- Primitivo e linguagem - o estudo é motivado pelas idéias de Plínio Airoso, quando da publicação do vocabulário de Pero de Castilho, do século XVII, "Os nomes das partes do corpo humano, pela língua do Brasil". Esse artigo está prenhe de idéias de Lévy-Bruhl.

- O arroz e os tupiniquins de Baía Cabrália - critica a obra de Hoene, "Botânica e agricultura no Brasil do século XVI". Para o autor da obra, os índios ofereceram arroz a tripulação de Cabral. O erro cometido por Hoene, segundo Estevão, foi devido a esse autor não ter lido as obras de Claude Abeville, nem Yves D'Evreux.

- A Santidade - trata de messianismo, a que chama santidade; com base em Arthur Ramos, classifica o movimento como psicose gregária. Busca raízes desses movimentos em cronistas clássicos e chega a concluir que a santidade tem origem no pajé.

- Práticas medicinais dos tupi-guaraní - verifica o centro inicial de dispersão dos tupí e suas andanças no continente sul-americano e relaciona as práticas medicinais entre os tupis.
- Aspectos da educação entre nossos remanescentes indígenas - critica a educação dos fulniô, entendendo que a melhoria educacional dos índios pode ser feita com base nos estudos de Ethel Emília Wallis, que trabalhou com os otomi e os tzeltale.
- Alguns ritos característicos dos tupinambá - trata do parto, da puberdade e da morte entre os índios, tomando por base as informações dos cronistas, trazendo contribuição pessoal.
- Um mito cosmogônico dos tupinambá - descreve o mito de Monan e seus descendentes; confronta versões de autores clássicos e também de contemporâneos.
- Introdução à História da Antropologia indígena, século XVI - analisa obras de cronistas e missionários, verificando suas contribuições etnográficas. Discute questões relativas a antropologia física e a lingüística indígena.
- Tendências atuais da antropologia - propõe discutir certas problemáticas como: Quais os verdadeiros fins da antropologia? É realmente necessária a separação entre a antropologia física e antropologia cultural? Para concluir, coteja idéias de Arthur Ramos, Malinowski e Gilberto Freyre.

"Muxarabis & Balcões e outros ensaios" é o que se pode chamar de obra para o grande público; ao tempo em que atende a estudiosos e estudantes, pode servir a pessoas que não têm contacto com a ciência antropológica. Antropólogos e estudantes das ciências sociais têm no livro, uma espécie de síntese da obra de Estevão Pinto, o que é um bom ponto de partida para reflexionar sobre os seus estudos.

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA (5 boletins)

Trata-se de obra de síntese, feita para estudantes e também para iniciados. Possui estrutura bastante didática, como: parte doutrinária, apontamentos bio-bibliográficos, bibliografia farta e vocabulário.

A coleção supre a falta de obras similares no Brasil e demonstra estar atualizada e sintonizada com o que existia de mais moderno. Em seu enfoque há um sensível destaque para a antropologia física, pré-história e arqueologia.

CONCLUSÃO

Para alguns antropólogos, a aceitação do estruturalismo marxista entre estudiosos da década de setenta, motivou o abandono das obras de autores "funcionalistas" e "difusionistas" recaindo a rejeição sobretudo na segunda categoria, por estarem esses autores preocupados com detalhes aculturativos, entronizados pelo culturalismo de Boas, isso possibilitou o esquecimento da obra de Estevão Pinto.

A conclusão de nossa pesquisa é feita ao apontarmos a contribuição etnológica do autor, que é feita em três fases: 1 - a de pioneirismo; 2 - as características definidoras da obra; 3 - as contribuições à antropologia brasileira.

1- Pioneirismo

- Propõe em 1922 e 1925 pesquisa sobre grupos étnicos negros em Pernambuco;

- Junto a Gilberto Freyre é pioneiro no ensino de sociologia no Brasil;
- Cria e instala a faculdade de Filosofia de Pernambuco, elaborando linhas de trabalho bastante modernas;
- Instala a primeira cátedra de antropologia na Universidade Federal de Pernambuco, uma das primeiras do Nordeste, montando a sua estrutura acadêmica;
- Cria e instala o Instituto de Antropologia na Faculdade de Filosofia de Pernambuco;
- Junto a Carlos Estevão de Oliveira, é um dos pioneiros nos estudos sobre os indígenas no Nordeste.

2- Características definidoras da obra

- Desenvolve tendência eclética em sua produção, tendendo para um perfil difusionista-culturalista;
- Apoiava-se nas teorias de Alfred Métraux, na obra de Lévy-Bruhl e em noções de psicanálise de Freud, principalmente para interpretação dos mitos indígenas;
- Emprega, nas décadas de 30/40 conceitos de Lévy-Bruhl, abandonando-os nas décadas de 50/60, por concluir que não respondiam aos questionamentos feitos;
- Preocupa-se com uma consciência histórica autônoma para o Brasil, ao lado de Euclides da Cunha, Arthur Ramos e Gilberto Freyre;
- Analisa ou resenha poucas obras de autores contemporâneos, enquanto sua obra era bastante avaliada por estudiosos do tempo.

3- Contribuições à antropologia brasileira

- Propõe novos focos de interesses teóricos na análise das sociedades indígenas, tais como: xamanismo, magia e religião, em diferentes contextos culturais;
- Retira o grupo dos fulniô da classificação dos carirí, para um ramo do phylum macro-gê, da classificação de Alden Mason;
- Abandona a linhagem carirí dos Pancararu, para situar entre os Gê ou Tapuia;
- Considera o iatê dialeto autônomo e isolado;
- Contribui para o fornecimento de dados para a reconstrução das formas de organização social dos índios do Nordeste, quando propõe o termo Sipe, para nomear o que Max Boudin denomina de clãs;
- Elabora a mais completa descrição do ritual do Ouricuri, até então existente;
- Relaciona o Ouricuri com ritos de renovação: hierofania vegetal da classificação de Mircea Eliade.
- Vai de encontro a expressão "homem primitivo" e rechassa o termo "raça pura".
- Alia-se a Roquete Pinto na não aceitação das classificações lingüísticas e culturais, por não atenderem as peculiaridades do Brasil. Para si, o critério sociológico deveria sobrepor-se ao lingüístico; o critério antropológico, deveria ser rejeitado devido a não ser possível fixar o tipo antropológico do índio brasileiro, bastante mesclado;
- Entende que ao invés de se estudar ou elege como norma teórica a classificação lingüística dos grupos indígenas, sempre falhas, o mais coerente seria analisar esses grupos através do processo de aculturação;
- Propõe linhas de trabalho para melhorar a educação dos índios do Nordeste, com base nas teorias de Ethel Emília Wallis;
- Entende que a "santidade" encontrada em certos movimentos messiânicos e milenaristas, têm origem na figura do pajé;
- Propõe substituir a expressão civilização material por "Vida Econômica", mesmo ressalvando que não se pode excluir dessa expressão as funções mentais, sociais e ideológicas.

Uma obra desse quilate, merece ser reestudada, rediscutida, redimensionada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BALDUS, Herbert. In: Homenagem do Colégio Estadual do Recife ao Professor Estevão Pinto, por ocasião de entrega solene do título de Professor Emérito. Recife: [s.n.], 1965.
2. CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Que é isso que chamamos de antropologia brasileira? ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO 86. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFC. 1986. p. 227-246.
3. DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Evolução Urbana e Social de Maceió no período republicano. In: COSTA, Craveiro. Maceió. 2. ed. Maceió: Secretaria da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Culturais. 1981. p. 197-219.
4. FERNANDES, Florestan. A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios. 1975.
5. MAUÊS, Raimundo Heraldo. Os estudos sobre o índio brasileiro desde a segunda metade do século XIX, até a primeira metade do século XX. Brasília, [1976?]. 57f. Trabalho apresentado a disciplina História da Antropologia II, do Mestrado em Antropologia, da Universidade de Brasília. Datilografado.
6. PINTO, Estevão. Os indígenas do Nordeste. São Paulo: Ed. Nacional, 1935. T.I. (Coleção Brasileira; 44).
 _____ . Os indígenas do Nordeste: organização e estrutura social dos indígenas do Nordeste brasileiro. São Paulo: Ed. Nacional, 1938. T.2. (Coleção Brasileira; v. 112)
 _____ . Alguns aspectos da cultura artística dos Pancararus de Tacaratu. Rev. do Serviço do Patrimônio e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n. 2 p. 57-92, 1938A.
 _____ . As máscaras de dança dos Pancararus. 4. Ed. Recife: Faculdade de Filosofia de Pernambuco, 1953. Trabalho mimeografado.
 _____ . Etnologia brasileira - Fulniô - os últimos tapuias. São Paulo: Ed. Nacional, 1956. (Coleção Brasileira; v. 285)
 _____ . Muxarabis & balcões e outros ensaios. São Paulo: Ed. Nacional, 1958. (Coleção Brasileira; v. 303).
 _____ . Introdução à história da Antropologia. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1967. (Boletim; 5. Série I - Antropologia).
7. ROCHA, José Maria Tenório. Alagoas, a cultura que surgiu das águas. Anais da II Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. Recife, Mestrado em Antropologia, UFEPE, CNPq, FINEP, ABA, 1991. p. 147-158.
 _____ . O silêncio conivente. Estevão Pinto, etnólogo: trajetória intelectual e opções teóricas. Recife, 1992. 323 p. Dissertação de Mestrado.